



Alinhando alguns sentidos sobre Manuel Said Ali na produção e circulação do conhecimento linguístico

Lining up some senses about Manuel Said Ali in the
production and circulation of linguistic knowledge

Amanda Eloina Scherer*
UFSM

Resumo: *Manuel Said Ali é uma das figuras constitutivas daquilo que nomeamos como um homme de lettres. A partir de tal pressuposto, queremos entender, em nosso artigo, como tal estudioso, ao escrever sobre a problemática da língua com as interrogações de sua época, acaba nos indicando caminhos para uma historicização dos estudos da linguagem no contexto brasileiro. Nossa pedra modular está ancorada nas implicações determinadas pelos estudos sobre a institucionalização e a disciplinarização.*

Palavras-chave: *Said Ali, Memória, História, Institucionalização, Estudos linguísticos.*

Abstract: *Manuel Said Ali is one of the constitutive figures of what we call an "homme de lettres". From this assumption, we want to understand, in this article, how such a scholar, when writing about the problem of language with the questions of his time, indicates paths for an historicization of language studies in the Brazilian context. Our modular stone is anchored on the implications determined by institutionalization and disciplinarization studies.*

Keywords: *Said Ali, Memory, History, Institutionalization, Linguistic studies.*

Antes de tudo...

Temos por hábito aceitar, com grande júbilo, muitos dos convites que nos é endereçado, uma vez que eles nos parecem sempre elogiosos e reconhecidos em relação ao que temos nos dedicados a investigar sobre a história disciplinar da língua e da linguagem na contemporaneidade. Nossa pedra modular, como vocês todos sabem, tem sido sobre a historicização do conhecimento linguístico, tanto na sua institucionalização quanto na sua disciplinarização, principalmente no contexto brasileiro. Nosso foco de interesse, amparado aqui em Puech (2004), tem sido colocado em três dimensões: 1) o da invenção; 2) o de sua inserção em uma configuração maior; e 3) o de sua transmissão. Queremos crer que não foi diferente para as organizadoras quando do convite recebido para participar do **I Seminário do Arquivo de Saberes Linguísticos – Homenagem a Said Ali**.

Em nosso caso, havíamos começado um estudo sobre o estudioso francês Victor Henry¹ e uma possível circulação de suas ideias no Brasil, sobretudo a partir da leitura e da produção de Manuel Said Ali. Fizemos uma primeira apresentação, muito nos moldes de um alinhavo mesmo, sobre os primeiros recortes que havíamos realizado para as duas *Journées d'Etudes: Langue, discours, histoire*, em Paris, em 2014. As jornadas foram organizadas por nossa rede brasileira de laboratórios, por seu lado constituída pelo nosso Laboratório Corpus, do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM, juntamente com o E-L@DIS – Laboratório Discursivo: Sujeito, Rede Eletrônica e Sentidos em Movimento, da Universidade de São Paulo, *campus* de Ribeirão Preto, e o LAS – Laboratório Arquivos do Sujeito, da Universidade Federal Fluminense, *campus* de Gragoatá; e nossas atividades foram estabelecidas, em comum acordo, com nossos parceiros franceses. Nossa meta, naquele momento, em uma política de internacionalização de nossa rede de laboratórios era a de um *séjour* de estudos para discutirmos sobre o que desenvolvíamos na ocasião, junto com doutorandos, recém-doutores e nossos pares de além mar. Nossa estadia aconteceu em duas instituições parceiras, a saber: a) na Université de Paris III, junto ao HTL - Histoire des Théories Linguistiques; b) na Ecole Normale Supérieure, mais especificamente no interior do Institut de Textes et Manuscrits Modernes.

No *séjour* de 2014, trouxemos, enquanto pesquisadora, as primeiras reflexões que estabelecíamos de forma nascente sobre a circulação das

ideias linguísticas de Victor Henry, no contexto disciplinar brasileiro. O título de nossa apresentação foi: *Victor Henry et la constitution du discours disciplinaire au Brésil*. Naquele texto (manuscrito e em rascunho ainda), como já adiantamos anteriormente, procurávamos traçar um possível trajeto de leitura sobre a circulação das ideias linguísticas do estudioso francês nas considerações e afirmações de Manuel Said Ali.

No entanto, quando do aceite para participar do Seminário em homenagem a Manuel Said Ali, em novembro último, um percurso de leitura foi sendo colocado à prova e muito do que apresentamos em 2014 foi ficando para um depois, uma vez que fomos nos dando conta que, para homenagear um mestre, não seria de bom tom começar nosso estudo por um outro mestre e estrangeiro, mesmo sabendo que Manuel Said Ali não ficou imune ao seu tempo. Não obstante, na apresentação sobre a circulação das ideias linguísticas de Victor Henry no Brasil, lá em nosso estudo anterior, pudemos entender que Manuel Said Ali passou, de algum modo, pela égide do estudioso francês.

Mas é preciso apontar que, para nós, não é uma problemática de influência de um sobre o outro, de quem viria primeiro ou depois, de quem seria mais importante, pois procurávamos saber (e entender) quais ideias estavam circulando sobre a língua e a linguagem naquele tempo. As perguntas que conduziam nossa reflexão estavam alinhavadas na seguinte direção: a) quais conceitos estavam sendo formulados? b) que conceitos estavam emergindo? c) quais eram as formulações que permitiam um texto distinguir-se de outro? d) quais as problemáticas comuns? e) como estudiosos, em percursos diferentes, em continente diferentes, por exemplo, se aproximavam e distinguiam? f) quais seriam as configurações mediadas pelos dois estudiosos (o estatuto da mudança linguística; o papel do sujeito falante; as leis fonéticas e seu estatuto etc.)?

Como sabemos, Manuel Said Ali e, da mesma forma, Victor Henry produziram muito e fizeram circular ideias fora do círculo nacional. Foram eles, aliás, os alicerces de um pensamento por demais precursor e promissor para a época na qual viviam. Foram dois sujeitos afeitos a leituras em várias línguas. Nenhum dos dois ignorou a sua e muito menos outras (mais conhecidas ou menos conhecidas entre nós). Certo, eles tiveram produções em contextos e continentes diferentes, no entanto as condições de produção e de circulação da ciência linguística

estavam, em sua essência, nos questionamentos daquele momento e que poderíamos, em uma síntese muito didática, colocar em três pilares fundamentais:

- 1) O fazer científico - cujo cerne estava dado pela ideia de uma ciência geral (não vamos entrar aqui na discussão sobre *une science double*);
- 2) A determinação de seu objeto - que passava pela procura de leis gerais (universais);
- 3) A questão crucial sempre colocada - quais são os modos de existência da língua?

Portanto, do ponto de vista sócio histórico, esses aspectos se colocavam fundamentais sobre o plano conceitual e sobre aquele de uma possível descoberta científica (PUECH, 2004), da mesma forma, igual àquela da invenção, que iria além de uma descrição - *tout court* - da língua. Para nós, a pergunta que não cessava de nos incomodar estava formulada do seguinte modo: qual seria o fio que poderia amarrar os dois em torno da definição de língua para um contexto de uma linguística geral?

Além disso é preciso considerar, igualmente, as dificuldades do fazer científico, visto que o produzir ciência, naquela época, em condições materiais, estava sustentado na circulação de correspondências entre os estudiosos, nas discussões em grupos de trabalho designados, até aquele momento, como escola (Escola de Genebra, Escola de Paris etc., não tão sumariamente como estamos colocando) ou, ainda, pelas fronteiras (tênuas nesse instante) do disciplinar – tal e qual as que concebemos na atualidade: o gramático, o filólogo, o linguista, etc. Da mesma forma, a circulação de obras entre os continentes não era nada evidente, além do que a leitura em outras línguas era por demais importante (e não continuaria sendo?). Desse modo, nenhum dos dois estudiosos foram alheios ao seu tempo e às condições de produção de toda natureza histórica e social.

Vamos pensar dois esboços, ainda sob forma de um alinhavo, sobre como poderíamos propor, no momento, novas ancoragens para a história da produção e da circulação do conhecimento linguístico, pois para nós:

refletir sobre o disciplinar é também refletir sobre o processo de institucionalização, por meio do

qual um domínio de memória (PUECH, 2004) ganha visibilidade e possibilita/resulta na disciplinarização de determinados saberes e condições sócio-históricas e ideológicas específicas (SCHERER, 2020, p. 35).

A grande questão que colocamos até o momento em nossos estudos tem muito a ver com as reflexões potentes e oportunas que Vanise Medeiros tem desenvolvido nos últimos tempos sobre a *transmissão* pensada em seus diferentes modos e mecanismos *da* e *na* discursividade *no* e *do* transmitir. Conforme lemos em Vanise Medeiros,

a transmissão não se atém somente a instrumentos linguísticos, mas se abre para teorias, para práticas, para lugares de produção de conhecimento. Se isto nos faz retornar aos instrumentos linguísticos na medida em que estes consistem em objetos de conhecimento e de produção de conhecimento, em que consistem, cabe lembrar, em objetos técnicos, por outro lado, nos lança nos espaços de conhecimento, como instituições científicas, escolares, por exemplo; abre, pois, para lugares que laboram a transmissão, e aí se incluem ainda as relações entre pesquisas e pesquisadores bem como as redes de pesquisa. Em poucas palavras, a noção de transmissão vai ser pensada e especificada em seus diferentes modos e mecanismos de transmissibilidade tanto no que se refere aos instrumentos, para nos atermos a estes objetos, quanto no que concerne aos espaços (MEDEIROS, 2020, p. 170-171).

Portanto, estamos propondo um pouco do que estamos amaneirando sobre uma possível (outra? ou mesma?) historicização, via a metáfora do alinhavo, pontilhado pelo fio de Ariadne (SERRES, 2001). Esperamos que ele, o fio de Ariadne, não arrebente, não se perca, não vire serpente nos devorando. O que estamos querendo fazer é inventar (no sentido de ficcionalizar) uma possível direção (muitas vezes em fuga dela própria) para formular, conceitualizar, parametrar, direção

ornada pelas misturas do mundo e das leituras daqui e de além-mar que temos realizado até a presente data. Poderá parecer labiríntica, pois nosso pontilhado poderia ser visto como a imagem com a qual se tece a teia que nos guia e ajuda a nos desenredar na tecitura de nosso dizer. No entanto, para nós um labirinto que talvez pudesse, igualmente, percorrer em busca de seu fio redutor.

Estamos designando nosso fio de Ariadne de ninharias, apoiada no poético de Manoel de Barros (2021), pois as considerações que vamos trazer sobre a constituição da produção e da circulação do conhecimento linguístico, no final do século XIX e início do século XX, talvez possa interessar a poucos, mas tem nos afetado, desde sempre, sobretudo no como ler (no sentido de interpretar) a história do conhecimento linguísticos em um certo domínio de memória. Quais seriam esses domínios?

Um primeiro alinhavo possível ...

Manuel Said Ali é uma das figuras constitutiva daquilo que nomeamos em língua francesa de *homme de lettres* na modernidade. Um erudito, um sábio, um homem *cultivé*. Se tomarmos a história do livro no ocidente, entre o início do século XVIII e o final do XIX, podemos afirmar que era ele aquele que, além de escrever sobre a problemática da língua com as interrogações da época, estava sobretudo centrado em dois papéis: o primeiro de entusiasta e o segundo de estudioso. Estudioso entusiasta! Entusiasta estudioso! Impossível separar um do outro. Seria essa espécie de arquiteto de sistemas de pensamento, além de um desbravador na história da ciência, em nosso caso, do que seria a ciência linguística nos dias atuais, mas não só. O polímata na expressão de Peter Burke (2021). É com eles, com os *hommes de lettres*, que novas fundações acontecem, novas instituições vão incentivar as especializações, naquilo que Burke (2021) vai chamar de a era das territorialidades – por exemplo, com a divisão no interior das instituições, a criação da maioria das *Sociétés Savantes*. Dá também decorre o surgimento de periódicos e da mesma forma a divisão do mundo acadêmico e científico em duas culturas: a das ciências naturais e a das humanidades. Interessante observar como Lepenies (1996), na sua obra **As três Culturas**, mostra-nos, inclusive, como a sociologia vai enfrentar (afrontar mesmo) a concorrência da literatura,

criando um litígio com uma espécie de criação de uma terceira cultura. E Lepenies (1996) vai historicizar, de forma brilhante, o debate entre dois grupos – escritores e críticos, de um lado, e, de outro, os cientistas sociais, sobretudo os sociólogos – sobre supremacia de quem poderia oferecer a direção primordial das ciências ditas sociais. Problemática fundamental em meados do século XIX, na Europa, na divisão em campos de saber distintos no disciplinar contemporâneo. No contexto brasileiro, teríamos muito a estudar ainda.

Outro ponto a destacar, surge daí igualmente o trabalho em equipe, a escuta acadêmica, as correspondências, a departamentalização das universidades (no sentido que nós acordamos no tempo presente), o próprio da especialização e a sobrevivência do polímata ficará cada vez mais difícil. Também na era das territorialidades nasce o crítico, novas disciplinas, nasce o que hoje chamamos de ciências sociais. Enfim, um exemplo de polímata, na era das territorialidades que conseguiria sobreviver, segundo Burke (2021) poderia ser o caso de Michel de Certeau, ou mesmo Roman Jakobson.

A grande pergunta dessa época, no contexto brasileiro, seria: Quais são os modos de existência da língua? Ao nosso ver, não deixaria de ser uma pergunta desde sempre. E essa era uma tônica instigante para os estudiosos de então. De qual língua estávamos falando? Qual língua estudávamos? O Brasil estava também em plena efervescência – política, cultural e social. Portanto, a pergunta do lado de cá seria também – quais são os modos de existência da língua? –. E ela era sustentada por questões que tinham a ver com a significação em todos os seus aspectos. Nós poderíamos – quase – afirmar que a descolonização começava desde então a se fazer forte.

Outro ponto a destacar ainda é o quanto esse *homme de lettres* era um conhecedor e interessado em outras línguas – autodidata sim, mas curioso, desperto para além-mar, interessado não só pelo mundo português, mas e sobretudo pelo mundo alemão, francês. Também um grande estudioso do latim, do grego e do indo-europeu. Com Manuel Said Ali não foi diferente. Bechara, aliás, vai trazer no seu texto de tese para o concurso – Cátedra de Língua e Literatura do Instituto de Educação do Estado da Guanabara (1962) – que o *rapaz pobre teve de trabalhar no comércio* (página 3). Nós acrescentaríamos: não qualquer comércio – a Livraria Laemmert et cia, um centro radiador de cultura letrada no Rio de Janeiro daquele momento.

Um outro alinhavo possível...

Manuel Said Ali é um clássico no sentido dado por Ítalo Calvino (2007, p. 11), pois “os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual”. O estudioso brasileiro tem um lugar especial nas prateleiras abarrotadas de livros e pastas em nossa casa. E toda vez que retomamos Manuel Said Ali encontramos questões sempre atuais e, ao mesmo tempo, na força de sua escrita, ele nos mostra o quanto estudar e refletir sobre a língua é um trabalho de fôlego, de entusiasmo, de perseverança, à long terme, como poderíamos muito bem enunciar à la française. Um autor que se ouve sempre dizer “estou relendo” e quase nunca “estou lendo”, pois lemos, em nosso caso, quando de nossa formação em Letras, lá no final dos anos 60, quando estávamos na Licenciatura Português-Francês e que, na contemporaneidade, relemos como aquele alicerce genuíno que constitui a nossa idade adulta de pesquisador e de professor.

Em nosso caso, mais especificamente, toda vez que a problemática da História das Ideias (linguísticas) bate à nossa porta nos interrogando sobre mestres e discípulos, sobre história e memória da língua no e do Brasil, ele é um dos primeiros a quem recorremos. Em cada encontro, um acontecimento. Sendo um clássico, ele parece nunca terminar de instigar-nos, de dar-nos a ver o que não conseguimos entrever em releituras anteriores. Embora não permaneça imune à passagem do tempo (como já trouxemos), Manuel Said Ali é um daqueles autores que, na atualidade, gerações e gerações de linguistas deveriam ler e reler com uma certa curiosidade, principalmente, ética. Trazemos, aqui a título de exemplo, uma recordação de Evanildo Bechara, quando o mesmo procurava por alguém para guiá-lo pelos caminhos da profissão. Vejamos:

Estávamos em 1943. Eu, aos 15 anos, procurava um orientador de apoio, para que, num futuro bem próximo, pudesse ser aos meus alunos um professor que lhes levasse um guia seguro numa disciplina que já havia escolhido: língua portuguesa. A leitura do prefácio da “Lexicologia

do *Português Histórico*" de 1921, e as percucientes investigações nas páginas de "Dificuldades da Língua Portuguesa", de 1908, foram decisivas para elegê-lo "il mio autore", como Dante elegera Virgílio para ajudá-lo a percorrer os ínvios caminhos do Inferno pela jornada empreendida na "Divina Comédia". Minha eleição recaía em Manuel Said Ali (Caderno Ilustríssima, página 07).

Pelo *mio autore*, do professor Evanildo Bechara, podemos ver o quanto o mestre acabou marcando uma época de formação, época do grande estudioso da língua portuguesa, e acabou marcando, outrossim, a vida acadêmica de muitos estudantes de Letras em um momento que fazer Letras significava, sobretudo, a leitura dos grandes clássicos, pois compreendemos que, a partir de Ítalo Calvino (2007), os clássicos são aqueles livros que constituem um capital cultural para quem os tem lido e deles desfrutado um aprendizado; constituem igualmente, por sua vez, um capital não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los. E como afirmam aqueles que são apaixonados pelo conhecimento: um **clássico** é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.

Para nós, Manuel Said Ali é um clássico em todo o seu sentido fundador, mas não só. Para nós, ele significa também o que já colocamos em nosso primeiro alinhavo, naquilo que Peter Burke (2020) vai nomear como um polímata, no percurso estabelecido pelo autor, como já vimos, quando o estudioso procura desenhar uma história cultural do pensamento ocidental. Um polímata no sentido daqueles monstros de erudição que nos proporcionam uma profundidade histórica e uma extraordinária força de conhecimento que ultrapassa um disciplinar ajustado pelas forças políticas institucionais. Ou como no dizer de Borges, um (livro) clássico

Clássico não é um livro (repito) que necessariamente possui estes ou aqueles méritos; é um livro que as gerações humanas, premidas por razões diversas, leem com prévio fervor e misteriosa lealdade (BORGES, 2007, p. 222).

Procurando concluir...

Ao nosso ver, é deveras apaixonante procurar trazer para a problemática da historicização da produção e da circulação do conhecimento do conhecimento linguístico, o funcionamento das nomeações polímata (BURKE, 2021) e clássico (CALVINO, 2007) (BORGES, 2007), pois elas são pontos de ancoragem que poderiam sustentar uma outra entrada no estudo e na reflexão sobre uma história do movimento disciplinar. Pelo nosso descortinar, um *homme de lettres* alvoroça sentidos provocando uma fundação outra *no* e *do* disciplinar em uma outra época, pois o disciplinar contemporâneo tem suas raízes fincadas em uma história de língua e de sujeito. Por outro lado, sabemos também o quanto uma nomeação tem implicações políticas no dizer *sobre* e dá suporte para sua existência. Ela tem na sua primazia uma forma peculiar de ir tentando acomodar uma significação ao pelejar por uma (ilusória) estabilização, tentando cimentar e individualizar um acontecimento histórico e, por que não, enunciativo e discursivo (SCHERER, 2015). A nomeação tem muito de uma reversibilidade extrema e, ao mesmo tempo, ela é inseparável do sujeito pela língua e a língua pela história. Cada um deles está tomado pela ordem da ideologia, pois, por ela, é naturalizado o que é produzido pela história. Sabemos, outrossim, com Eni Orlandi que:

há transposição de certas formas materiais em outras. Há simulação (e não ocultação de conteúdo) em que são construídas transparências (como se a linguagem não tivesse sua materialidade, sua opacidade) para serem interpretadas por determinações históricas que aparecem como evidências empíricas (ORLANDI, 1994, p.56).

Fim de noite em um começo de um inverno, não francês, mas brasileiro... Camobi 09 05 2022.

Referências bibliográficas

BECHARA, E. **Folha de São Paulo**, Ilustríssima, 31 de julho de 2011, Arquivo Aberto - Memórias que viram histórias.

BARROS, M. **Livro de pré-coisas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2021.

BORGES, J. L. **Outras inquisições**. Trad. Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

BURKE, P. **O polímata** – uma história cultural de Leonardo da Vinci a Susan Sontag. Trad. Renato Prelorentzou. São Paulo: Editora da UNESP, 2021

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

LEPENIES, W. **As três culturas**. Trad. Maria Claro Cescato, São Paulo: Editora da USP, Coleção Ponta, 1996.

MEDEIROS, V. Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas: perscrutando conceitos. In: VENTURINI, M. C.; RASIA, G. **Museus, arquivos e discursos: funcionamentos e efeitos da língua, da memória e da história**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, p. 165-182.

ORLANDI, E. Discurso, imaginário social e conhecimento. In: *Em Aberto*, Brasília – DF, n. 61, p. 52-59.

PUECH, C. Antinomies (V. Henry) Et Dichotomies (F. De Saussure): l'idée d'une « science double » dans la linguistique générale de la fin du XIX siècle. In **Linguistique et partages disciplinaires à la charnière des XIX et XX siècles**: Victor Henry (1850 - 1907). Louvain, Paris, Dudley: Editions Peeters, 2004, p. 125-147.

SCHERER, A. E. Arquivos de Língua. In: MEDEIROS, V.; ESTEVES, P. et al. **Almanaque de fragmentos: ecos do século XIX**. Campinas: Pontes; RJ: FAPERJ, 2020, p. 31-37.

SCHERER, A. E. O nome da língua. Um modo de fazer. **Gragoatá**, Niterói, v.24, n. 48, 2019, p. 14-24.

SERRES, M. **Os cinco sentidos: filosofia dos corpos misturados VI**. Trad. Eloá Jacobina, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

Notas

* Professora Titular de Linguística do Departamento de Letras Clássicas e Linguística da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Pesquisadora do Laboratório Corpus (UFSM) e professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM. Possui doutorado em Linguística, Semiótica e Comunicação pela Université de Franche-

Comté e pós-doutorado pela Université de Rennes 2, França. Tem experiência na área de Linguística com ênfase em Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas trabalhando com o tema: sujeito, língua e memória. Atualmente, é Coordenadora Geral do Espaço Multidisciplinar de Pesquisa e Extensão da UFSM - Silveira Martins.

¹ Victor Henry (1850 – 1907). Professor de sânscrito e gramática comparada das línguas indo-européias na Faculdade de Letras de Paris. No dizer de Puech (2004, p. 0), *um linguista tipicamente atípico no final do século XIX*.